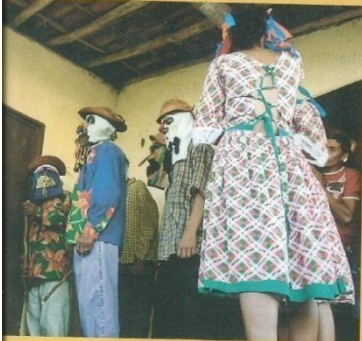
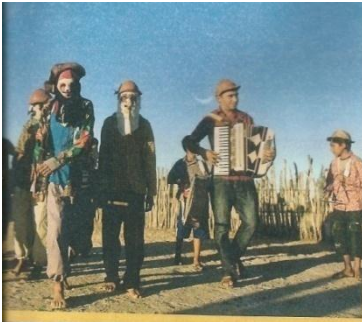




Desde 1930 resguardando a tradição e o folclore do Ceará
Um Patrimônio Cultural Imaterial do Município de
Quixadá/CE



“ Oi, de casa! Oi, de fora!
 Manjerona é quem tai
 É o cravo, é a rosa
 É a flor do bugari
 Santo Reis do Oriente
 Chegaro fora de hora
 Eles vinha de Belém
 Foi visitar Nossa Senhora
 Se essa casa fosse minha
 Eu mandava ladrilhar
 Com pedrinhas diamante
 Só pra Santo Reis passar
 Essa casa tá bem feita
 Por dentro, por fora não
 Por dentro cravos e rosas
 Por fora, manjeriçã ”

(Domínio público)

“Eles (os integrantes do grupo) não são apenas papangus, como eles dizem. Na verdade, eles são artistas. É importante que eles compreendam isso, que não são artistas da televisão, mas são artistas da comunidade onde eles vivem. Dão vida à própria representação do universo deles, porque o boi está ligado historicamente com a nossa vida.”

Edinês Brito Pereira



“As vezes eu até me acanho de vestir uma calça nova pra brincar, botar um chapéu de couro novo na cabeça, porque no tempo dos papangus mesmo, a gente usava a roupa era toda rasgada véa, coberta de poeira. As vezes, pegava um bocado de palha de carruaba, enfiava num cordão e amarrava na cintura. A máscara era toda feia também. Era maxmotoso mesmo! Mas hoje é diferente, por isso que eu até me acanho de botar coisa melhor pra brincar.”

Edinês Brito Pereira

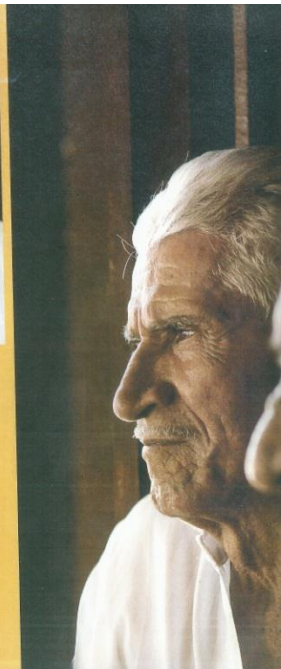


Imagem: Sr. Antonio Assis – membro do reisado

APRESENTAÇÕES IMPORTANTES NO DECORRER DOS ANOS:

1. 11/07/2003: seminário "Repensando a cultura popular", realizado na FECLESC. A culminância do seminário foi em 11/07/2003 na Praça da Cultura, momento em que outros grupos culturais se apresentaram também. Este foi um momento marcante na história do Grupo porque foi a primeira vez que ele se apresentou na cidade e as portas se abriram-se para outros eventos. O seminário era da disciplina Cultura Brasileira ministrada pelo Professor Douglas;
2. 22/08/2003: segunda apresentação do Grupo na Praça da Cultura, promovida pela Fundação Cultural de Quixadá nas pessoas de sua presidente, Ligia Maria e sua assessora M^a Prima. Comemoração do Dia do Folclore.
3. 06/09/2003: Participação no desfile cívico promovido pela prefeitura de Quixadá;
4. 09/11/2003: apresentação na Bienal de Dança no Centro Cultural Dragão do Mar;
5. 25/01/2005: apresentação no Bairro Renascer promovida pela Casa da Família;
6. 15/08/2005: apresentação na FECLESC;
7. 16/08/2005: uma apresentação do Grupo na TV Diário, programa Nordeste Cabloco, Carneiro Portela.
8. 19/08/2005: Apresentação no Pátio do Teatro José de Alencar por ocasião do evento Feira de Música promovido pelo SESI de Fortaleza;
9. 03/04/2007: apresentação SESC de Fortaleza e pela primeira vez recebeu um cachê de R\$ 300,00. Esta apresentação fazia parte do projeto "Terça da Tradição";
10. 19/10/2010: Apresentação no SESC de Fortaleza por ocasião do lançamento do livro "Terreiro da Tradição", uma produção da mesma instituição;
11. 2010: desenvolvimento do projeto Pontinho de Cultura
12. 06/01/2012: apresentação no pátio da paróquia do Alto de São Francisco;
13. Novembro de 2012: Apresentação no Festival Cariri das Artes.
14. Dezembro/2013 – Apresentação na Mostra Regional Ceará Natal de Luz na cidade de Choró/CE.
15. Dezembro/2014 – Apresentação na Mostra Ceará Natal de Luz na cidade de Quixadá
16. Novembro/2015 – Apresentação para Técnicos do Ministério da Educação na Prefeitura Municipal de Quixadá e na Mostra Regional Natal de Luz em Quixeramobim
17. 2015 - TITULAÇÃO TESOUROS VIVOS DA CULTURA DO ESTADO DO CEARA
18. Março/2016 – Intercâmbio com o Reisado Nossa Senhora da Saúde e UFC



Figura 1 Da esquerda para a direita: o Caboclo, dois caretas, a Velha, o Vaqueiro e dois caretas

O Reisado de Caretas: Boi Coração da localidade de Boa Água, distrito de Cipó dos Anjos, tem suas raízes na região do Maciço de Baturité. Chegou ao Cipó dos Anjos, em Quixadá, no início da década de 1930. Ocasão em que os familiares do Sr. Assis Rufino, criador do grupo na referida localidade, vieram morar no referido distrito.

Assim como várias famílias da região do Maciço migraram para o distrito de Cipó dos Anjos, naquele período, atraída pelas condições de trabalho na agricultura e trouxeram com elas as manifestações culturais que faziam parte de sua história. A de Seu Assis, como é mais conhecido em Boa Água, também veio na esperança de construir uma vida melhor.

O Sr. Assis Rufino e seu irmão, o Sr. Antônio Rodrigues, mais conhecido por Seu Sitônio, começaram a “brincar” ainda garotos. Quando adolescentes brincavam com seus tios e primos nas casas das localidades do referido distrito. Ao se tornarem adultos deram continuidade ao folguedo, tradição de sua família e ainda hoje os netos e filhos de Seu Assis “brincam” no entremeio com amigos e vizinhos.

Atualmente existem dois grupos: um dos adultos e outro das crianças, desde 2003. As crianças mesmas tomaram a iniciativa de criar o grupo e Seu Assis e Chico Emílio, coordenador do grupo, lhes ensinam as músicas do Grupo adulto.

AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO REISADO DE CARETAS

Segundo Seu Assis, o reisado tem sua origem quando os três reis magos foram visitar o recém-nascido Menino Jesus, em Belém. Ao serem avisados dos planos de Herodes, para matar Jesus, os três Reis Magos fizeram o caminho de volta a sua região disfarçados, cantando, dançando, usando máscaras e pedindo esmolas para não serem reconhecidos por Herodes.

Outra versão é que ao conhecerem o desprendimento do Filho de Deus, ao nascer numa manjedoura, os Reis Magos ficaram tão maravilhados por sua grandeza que se despojaram de suas riquezas e voltaram cantando, dançando, mascarados, maltrapilhos e brincando por onde passava. Por esta razão o reisado de caretas é considerado **um reisado de retorno**. Diferente, por exemplo, dos reis de congo que se mostram bem harmônicos nas combinações de cores e nas coreografias das danças ao se dirigirem a Belém para visitar Jesus Menino. O reisado de caretas é a desconstrução do harmonioso e uma nova possibilidade de construir O Novo. Este é o aspecto religioso do folguedo, herança da cultura jesuítica.

Tratando do aspecto cômico da folgança, o fato dos papangus, como também são chamados os caretas, estarem mascarados lhes dá a possibilidade de fazer coisas que sem as máscaras eles não teriam coragem de fazer, como, por exemplo, contestar e ironizar a ordem estabelecida no cotidiano, através dos relaxos e brincadeiras que eles fazem com o público.

O REISADO DE CARETAS DE BOA ÁGUA É DIVIDIDO EM ATOS

I. A ABERTURA DA PORTA.

Primeiro momento em que os caretas se dirigem à porta da casa onde irão representar o auto, cantam, dizem relaxos e pedem permissão para realizar a folgança ao dono da casa.



Figura 2 Apresentação na residência de Chico Emílio, Boa Água, Cipó dos Anjos Quixadá-Ce.

II. DANÇAS TÍPICAS.

Representam o universo sertanejo como, por exemplo, a dança do sapo, do camaleão, do caranguejo e do pilar o arroz.



Figura 3 Dança do Sapo por ocasião de uma apresentação na Praça da Matriz, Quixadá-Ce. Em agosto de 2010



Figura 4 Preparação para a dança do camaleão por ocasião de uma apresentação na Praça da Matriz, Quixadá-Ce. Em agosto de 2010



Figura 5 Dança do Caranguejo apresentação na residência de Chico Emílio, Boa Água, Cipó dos Anjos Quixadá-Ce.

II. ENTRA EM CENA O CAPITÃO.



Personagem que representa o fazendeiro convocando cada careta a ir buscar o Boi Coração na capoeira. No entanto, só o Vaqueiro é quem aceita o desafio de topa o Boi. O terceiro ato é o ápice do folguedo, porque entra em cena a principal personagem ou figura, como os brincantes costumam chamar: O BOI.



O auto do boi está dividido em partes principais: chamada, morte, partilha das partes do animal entre os presentes e ressurreição.

Nessas cenas existe uma simbologia muito grande, tanto no aspecto da representação do poder econômico, representado pela figura do fazendeiro, quanto pelo aspecto religioso, representados pela ressurreição do boi, onde o vaqueiro é uma espécie de curador, herança da cultura indígena, que através de suas orações e cantos ressuscita o animal.

Na questão das relações de poder, citado por vários autores, o auto do boi tem sua origem num acordo entre a mulher do vaqueiro e o fazendeiro. Ambos queriam saber a quem o vaqueiro era mais fiel, ao fazendeiro ou a Catirine, esposa do vaqueiro. Ela, grávida, desejou comer a língua do boi e pediu ao marido que arrancasse a língua do bovino de estimação do patrão. Depois de muita pressão o vaqueiro cede ao desejo da esposa e é entregue ao julgamento do fazendeiro, que também é o senhor da lei em suas terras.

Não tendo alternativa ele, o vaqueiro, recorre às forças espirituais para ressuscitar o mamífero que volta a vida e dança ao se despedir do público.

Outra versão defendida por pesquisadores está relacionada ao ciclo do gado, primeiro momento de ocupação do sertão nordestino. Ao levar o gado para a feira de Goiana, em Pernambuco, os tangerinos faziam paradas e nesses momentos começavam a cantar e dançar com as figuras do boi e da burra, que também faz parte do reisado de caretas.

IV. ENTRE UM RELAXO E OUTRO ENTRA A BURRINHA.



Figura 6 Chegada da burrinha

Esta, segundo a tradição sertaneja, é considerada um animal sagrado, porque além de testemunhar o Nascimento de Cristo o carregou nas costas pelas estradas da Judéia onde Ele a carimbou com sua urina. Há entre os muers uma lista em cruz, em cima de seu lombo, que segundo a tradição sertaneja foi feita pela urina do Menino Jesus quando este cavalgava sobre um jumentinho no colo de Maria.

Por outro lado, a burrinha era considerada como um artigo de luxo pelos sertanejos. Ela era ornamentada com o que havia de melhor, representando o poder do fazendeiro que costumava passear na burra mais bonita da fazenda.

V. A EMA OU PINTINHA.



Era admirada por sua velocidade e apreciada por sua carne no sertão nordestino. Passou a fazer parte do reisado como um animal que fazia parte do cotidiano do sertanejo.

VI. VITALINA.



Uma homenagem às moças que não casaram e também uma forma de ironizá-las, porque estas moças, na sociedade sertaneja são tratadas com certos preconceitos assim como os homens que não se casam na “idade certa”.

VII. CAIPORA.



A caipora consiste na apresentação de um menino usando máscara, cachimbo e flecha. O personagem lendário do folclore brasileiro é representado no folguedo de forma singela e interessante. Segundo a tradição sertaneja, ao encontrar alguém na floresta a caipora pedia fumo. Caso a pessoa não desse o tabaco, ela começava a assobiar e a pessoa ficava perdida na mata. Quando ocorria o contrário ela encaminhava o indivíduo a sua casa. Ainda hoje há histórias a respeito da caipora em nossa região. Segundo o próprio Chico Emília, vaqueiro do Reisado já foi seguido por uma caipora. Para ele a caipora é um ser real, “protetor das caças”, como ele mesmo diz. No auto sua atuação desenvolve-se a partir do bailado:

“Quê que tem caipora
Que tanto chora (bis)
Pensando na mãe dela
Que foi embora (bis)

Cadê caipora que não
Quer chegar (bis)

Talvez teja esperando
A outra chegar (bis) ...”

VIII. ALMA.



Figura 7 Alma ou cabeça de fogo

Uma representação dos contos sobre assombração que apareciam nas encruzilhadas no meio do sertão. Antigamente era um costume as cotações de histórias envolvendo assombração e nas noites escuras algumas pessoas vestiam-se de branco, colocavam uma cabaça com uma lamparina acesa dentro dela e ficava nos locais mais estratégicos para assombras quem por ali passava. A cabaça tem furos semelhantes à boca, olhos e nariz, dando a impressão de que fosse o Diabo. A partir desse mito surge o personagem no folguedo e está presente até hoje.

IX. BBAU.



Segundo a tradição, era um cavalo velho, o esqueleto de um cavalo com uma pessoa montada, outra assombração que assustava as pessoas e ainda assombra criancinhas. O Babau é a penúltima figura a apresentar-se na folgança. Sua participação é breve. O Babau é uma carcaça da cabeça de um cavalo que chega conduzido por um dos caretas. Depois de correr um pouco em meio aos papangus, morde um deles, soltando o indivíduo somente quando for colocada uma rapadura em sua boca. Segundo a tradição popular, o Babau é um fantasma do cavalo de um antigo fazendeiro que costumava assustar as pessoas que encontrava em meio ao caminho pelo qual passava. Ainda hoje os pais fazem referência a esta figura mitológica para amedrontar as crianças. Mas, segundo Chico Emília, isso não é verdade. Ele é um cavalo velho e magro que não consegue ficar mais exuberante. O entremeio é acompanhado por uma música e pela letra;

Cavalo véi, cavalo chotão
Ganha dinheiro pro teu patrão
Cavalo véi do Iguatu
Pega na mão do papangu
Cavalo véi do Quixadá
Ganha dinheiro pra nós gastar...

X. TABACA.



Figura 8 Apresentação em Bom Fim, Cipó dos Anjos, Quixadá-Ce. Em 13/10/2010. Por ocasião de festa de aniversário.

Este ato é o momento em que a Velha, a mãe dos papangus, passa mal e acaba desmaiando. Antigamente, dizem os brincantes, que quando as pessoas desmaiavam ou tinham ataques epiléticos, usava-se uma mistura de pimenta e tabaco para o indivíduo inalar e voltar ao normal. Assim ocorre com a personagem após um dos caretas dizer alguns relaxos e desta forma encerra-se o folguedo.

AUTOR: Edinês Brito Pereira
Professor de História e pesquisador do grupo.